

ANTROPOLOGIA E DEFICIÊNCIA VISUAL: PESQUISA ETNOGRÁFICA NO CENTRO DE REABILITAÇÃO VISUAL LOUIS BRAILLE EM PELOTAS-RS

GUIILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES¹; CLAUDIA TURRA MAGNI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

De que modo uma pessoa com deficiência visual adapta-se à vida cotidiana depois de ter experimentado plenamente todos os sentidos? Em nossa sociedade ocidental, o fato da visão ser o sentido hegemônico e base primordial das nossas experiências de realidade motivou a pesquisa etnográfica que realizei em meu TTC (RODRIGUES, 2018) a qual apresento aqui resumidamente.

Em 2016, motivado por discussões na disciplina de Arqueologia Pública, do Bacharelado em Antropologia, fui em busca do contato com a Associação Escola Louis Braille no intuito de realizar um trabalho final para a cadeira em questão. A Instituição é uma referência em atendimentos a pessoas com deficiência visual no sul do Rio Grande do Sul. Realizado o primeiro contato, em 2017 retornoi a campo para desenvolver minha pesquisa final do Bacharelado em Antropologia, enfocando, particularmente o Centro de Reabilitação Visual Louis Braille (CRV), um dos três setores que compõem a referida Associação Escola. O texto etnográfico foi dividido em três capítulos, que abordam: 1º) concepções de cidade; 2º) desenho em antropologia e antropologia visual; 3º) as relações das pessoas com deficiência visual com a cidade no cotidiano.

O livro “O que é deficiência”, de Debora Diniz (2007) ampara as reflexões sobre a questão do ponto de vista biomédico e social, apresentadas no 1º capítulo. A principal diferença entre os dois paradigmas é que no primeiro, através do qual se constrói o discurso hegemônico legitimado pelas ciências da saúde, a deficiência é vista como lesão e esses corpos lesionados devem ser tratados pela medicina. A visão social compartilha dessa opinião. Contudo, a autora comprehende a deficiência como uma categoria social, a qual é experimentada em consequência da lesão que limita o corpo. Assim, a pessoa com deficiência é entendida como mais uma forma de habitar o mundo, e não somente como uma questão de saúde.

As análises históricas de Perrot (2006), Pechman (1994) e Rago (1985) contribuíram para entender o contexto urbano pelotense, os ideais e transformação de cidade inspirada na Paris de Haussman. Através dessa bibliografia, discutida no 2º capítulo, foi possível refletir sobre os impactos da colonização europeia e sua influência cultural na constituição da cidade, observando todos os parâmetros de vida e estética urbana importados do exterior, em que a questão da acessibilidade não aparecia como relevante.

A parte empírica da pesquisa, apresentada no 3º capítulo, foi desenvolvida através de oficinas no CRV, as quais receberam o nome de “Viver o corpo”. Em cinco módulos, elas exploravam os cinco sentidos humanos, buscando compreender como os sensores de nosso corpo atuam e nos fazem perceber a cidade e suas sensações. As narrativas dos interlocutores e interlocutoras trazem as relações consequentes dos processos históricos de concepção da cidade, bem como a visão política sobre a questão da deficiência, a qual se vale também do discurso hegemônico da perspectiva biomédica. Esses conflitos são as motivações guias dessa pesquisa etnográfica.

2. METODOLOGIA

O método etnográfico, tal como refletido e discutido por Fonseca (1999), Oliveira (2006), Geertz (2009) e Ingold (2015), ampara a concepção dessa pesquisa. Técnicas como desenho e fotografia acompanham o desenvolvimento do trabalho. Azevedo (2016), Kuschnir (2016), Novaes (2014) e Guran (2012) são algumas referências da área de antropologia visual usadas para entender o desenho e a fotografia enquanto formas de escrita que comportam especificidades e complementaridade em relação à escrita textual.

O trabalho de campo se deu através das oficinas “Viver o corpo”, cinco módulos de atividades que propunham refletir sobre os sentidos humanos. Os temas foram: os sons da cidade; objetos tátteis; acessibilidade da cidade; política – jogo das eleições; e as tintas comestíveis. Os encontros aconteciam nas segundas e quartas-feiras, no Centro de Reabilitação Visual (CRV), com as pessoas que eram atendidas nesses dias pela Instituição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas foram planejadas e implementadas visando articular as reflexões sobre cidade e deficiência, bem como entender a forma de interação entre os sentidos nos corpos que se adaptam às suas condições de ausência da visão. O principal objetivo era discutir todas essas questões e proporcionar dinâmicas e atividades para os grupos que ali estavam em horário de atendimento no CRV. Assim, durante o mês de agosto de 2017, ocorreram as principais atividades.

Na primeira oficina, Acessibilidade da cidade – conflitos no cotidiano, a proposta era promover uma discussão sobre os deslocamentos diários na cidade, ouvindo sobre os problemas de acessibilidade em Pelotas. Nessa conversa, foi possível ouvir sobre a ausência de sinalizações sonoras nos semáforos, necessidade de reformas urbanas, do transporte público, reparos nos buracos nas calçadas, dificuldade com a falta de preparo para recepção de pessoas com deficiência em órgãos públicos, entre outros. Todos esses problemas são rotina no dia a dia dessas pessoas.

Na segunda oficina, Política – o jogo das eleições -, a proposta era simular uma pequena eleição municipal, escolhendo, entre as pessoas ali presentes, vereadores e prefeito. Após a “eleição do governo”, foi posto um conflito referente a uma obra de uma praça pública para observar como os políticos resolveriam a situação. Havia uma expectativa de que as pessoas com deficiência visual, sensibilizadas por suas limitações físicas, pudessem vislumbrar saídas alternativas para a gestão política. Contudo, a supresa veio quando a maioria reproduziu o viciado sistema político no qual os problemas são empurrados de um para outro, com algumas atitudes anti-éticas e no âmbito da corrupção. A ingênuo brincadeira fez refletir sobre os processos de adaptação da cidade, principalmente no que tange à acessibilidade.

Na terceira oficina - Sons da cidade e o apito do trem -, a proposta era explorar outras sonoridades urbanas, partindo do som do apito do trem, para entender o modo como a audição influencia no deslocamento diário. Parte dessa atividade foi dedicada à memória do tempo do trem de passageiros que havia na cidade. A conversa seguiu sobre os outros sons diários, de carros, motos, ambulâncias, cachorros, celular, entre outros mencionados pelo grupo. Como resultado, algumas pessoas narraram sobre estarem atentas aos motores dos veículos, quando acelerados ou ao som dos pneus no asfalto. Além da audição,

mostraram outras técnicas de adaptação de seus corpos, como perceber o fluxo de vento em esquinas ou portas de garagens ou ainda, ter memorizado um mapa da cidade e se deslocar por meio de contagem das ruas.

Na quarta oficina - Objetos táteis, conexões com museus e patrimônio - cada membro do grupo ficou responsável pro trazer um objeto que produzisse algum som, para então se descobrir o que era. Levei outros objetos com o mesmo fim de descoberta. Esses estavam dentro de um saco para passar de mão em mão. O objetivo era tatear os objetos e tentar descobrir o que representavam. Os objetos estavam relacionados a patrimônios públicos, como uma estatueta do Cristo Redentor e miniaturas de Brasília, como o Congresso Nacional, a Catedral e o Monumento de Memorial ao Juscelino Kubitschek. Por esse motivo, a conversa se direcionou para os sentidos e significados de patrimônio, pensando-se na cidade de Pelotas. Discutia-se sobre o papel social do patrimônio, quando foi sugerido por uma interlocutora que os prédios e monumentos históricos pudessem ser sistematizados em mapas, servindo como pontos de referência geográfica para se localizarem na cidade, enquanto uma ferramenta importante para pessoas com deficiência visual.

A quinta oficina - Tintas comestíveis: aquarelas de pigmentação orgânica - foi elaborada com a proposta de explorar o olfato através de aromas da cozinha diária. Tintas nas cores verde, vermelho, amarelo e marrom foram elaboradas à base de ervas (salsa, manjericão), morangos, mostarda e cúrcuma, e café. Assim, pelo cheiro característico de cada pigmentação, era possível vir à tona a cor correspondente. Com essa dinâmica, foi proposto para que os participantes realizassem um desenho com as tintas, estimulando uma “pintura com o cheiro”, sem necessitarem da visão. Essa atividade rendeu excelentes momentos de sociabilidade e reflexões sobre a possibilidade de guiarem-se pelo olfato, principalmente em ambiente doméstico, na hora de cozinhar, por exemplo.

O encerramento dessas atividades ocorreu em um outro momento, no qual os desenhos pintados na Oficina totalizando quase 40 trabalhos, foram expostos em um cordão no corredor do CRV.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa de caráter etnográfico contribui para a problematização da cidade a partir da perspectiva das pessoas com deficiência visual. Observamos como elas estabelecem seus trajetos diários em busca de contornar as inacessibilidades urbanas consequentes dos processos históricos que pouco ou nunca consideraram a sua presença em meio citadino.

O método da pesquisa também é um ponto notável. Além da utilização de fotografia e desenho como narrativa da descrição etnográfica do campo, a proposta das oficinas proporcionou um trabalho coletivo, sempre envolvendo grupos de até 30 pessoas. Foi uma forma eficaz de se discutir os assuntos propostos com tantas pessoas ao mesmo tempo, possibilitando uma aproximação de seus cotidianos.

Foi proposto com esse trabalho uma antropologia em ação, feita ao longo do trabalho de campo, de forma engajada com os interlocutores e interlocutoras, em constante interação. Para além de uma observação participante, uma “participação observante”, a partir da qual se reflete, critica e evidencia conflitos urbanos que não são tratados comumente no dia a dia de nossa sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aina Guimarães. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Altera – Revista de Antropologia**. v.2, nº.2, João Pessoa, Jan-Jun de 2016. p.100-119. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737/17602>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.
- DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação (online)**. nº. 10, Porto Alegre, Jan-Abr de 1999. Disponível em: https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.
- GEERTZ, Clifford. Estar aqui: de quem é a vida, afinal? In: **Obras e vidas**. O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. (p.169-193)
- GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica - Notas e reflexões**. XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012. Rio de Janeiro-RJ, 2012.
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**. v.5, nº.2. Rio de Janeiro, 2016. p. 5-13. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1095?file=1>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.
- NOVAES, Sylvia C. O silencio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**. v.3, nº.2. Rio de Janeiro, 2014, p. 57-67. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/245?file=1>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018
- OLIVEIRA, Roberto C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: _____. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006. p.17-35.
- PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Stella (org.) **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 29-34.
- PERROT, Michelle. Maneiras de morar. In: _____ (org.) **História da Vida Privada. Da Revolução francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989-2006. p.307-323.
- RAGO, Margareth. A Desodorização do espaço urbano. In: **Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 163-206.
- RODRIGUES, Guilherme R. de. **Antropologia em ação: etnografia sobre o Centro de Reabilitação Visual Louis Braille em Pelotas-RS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia – Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.